

Aluno: Bernardo Sá Earp Moura de Souza

## Trabalho sobre o texto *Sujeito e Poder* de Foucault

Talvez Foucault não seja mais um filósofo. Pelo menos não no sentido tradicional, pois não há mais “amor pela sabedoria. Diz Foucault:” Se me perguntassem o que faço e o que os outros fazem melhor do que eu [ Deleuze, *anti-édipo*]... diria que fazemos pesquisas de dinastias. Diria que procuramos fazer aparecer o que na história de nossa cultura permaneceu escondido, mais oculto, mais profundamente investido; as relações de poder” (*A Verdade e as Formas Jurídicas*, 30). Assim Foucault diz da filosofia:

“Não há mais, portanto, no conhecimento uma adequação ao objeto, uma relação de assimilação, mas ao contrário, uma relação de distancia e dominação; não há no conhecimento algo como a felicidade e amor, mas ódio e hostilidade; não há unificação, mas sistema precário de poder.”(*A Verdade e as Formas Jurídicas*, p. 22)

O conhecimento é uma relação de poder para Foucault, considerando que a filosofia é a “ciência da verdade”, ou seja, a forma que diz ou determina o real. Mas cabe perguntar, mesmo sendo uma pergunta retórica, o que é relação de poder para Foucault? No texto *O Sujeito e o Poder*, Foucault desenvolve esta questão na explicitação do sentido de sua obra. Ele diz que as relações de poder são

“os modos pelos quais, na nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos” (*O Sujeito e o Poder*, p.231).

No esclarecimento do sentido de sua obra, Foucault diz que seu objetivo não foi “analisar o fenômeno do poder nem elaborar os fundamentos de tal análise”(O *Sujeito e o Poder*, p.231) mas desenvolver uma pesquisa sobre os mecanismos de formação do sujeito. Formação do sujeito em um sentido anti-humanista, isto é, não considerando que o sujeito é uma evolução progressiva mas, desenvolver ou

desmascarar as formas de sujeição, partindo do caminho de que, se não existe uma origem pura do conhecimento sobre o homem e qualquer outro objeto que se relacione com ele, este conhecimento e o próprio objeto (o Homem) são invenções.

Foucault utiliza o termo “invenção”, retirando-o de Nietzsche para quem o conhecimento surge de uma luta mesquinha, de uma tentativa de dominação, onde aquele busca estabelecer seu poder, o estabelece pelo poder do Saber. Ou inversamente: o conhecimento é uma forma de dominação, de poder, que talvez se construa, se diga conhecimento, com o intuito de silenciar ou camuflar a sua origem violenta.

“Encontram-se em Nietzsche dois empregos da palavra *Ursprung*. Um não é marcado...o outro emprego da palavra é marcado.. Nietzsche o coloca em oposição a outro termo: o primeiro parágrafo de *Humano, Demasiado Humano* coloca frente a frente a origem miraculosa(*Wunder-Ursprung*) que a metafísica procura...*Ursprung* é também utilizado de maneira irônica e depreciativa Em que, por exemplo, consiste esse fundamento originário da moral que se procura desde Platão?...Simplesmente em uma invenção(*Erfindung*), em uma passe de mágica, em um artifício (*Kunststück*)  
(*Microfísica do Poder*, p. 16)

A partir da dominação se “inventa” uma origem pura, sem disputas mesquinhas de poder, no qual o dominado deve crer. E deve crer para não morrer, para não perecer aos instrumentos de poder que visam manter determinado conhecimento, sendo o conhecimento, o sistema de poder que se diz como verdadeiro.

“O que se encontra no começo histórico das coisas não é a identidade ainda preservada da origem – é a discórdia entre as coisas, é o disparate.” (*Microfísica do Poder*, p. 18)

Quando Foucault afirma ou pelo menos levanta a hipótese de que “... O homem é uma invenção cuja recente data a arqueologia de nosso pensamento mostra facilmente. E talvez o fim próximo...” , no livro *As Palavras e as Coisas*, está, não só, retirando qualquer origem natural do entendimento de si e dos outros, mas desenvolvendo seu principal objetivo, isto é, o sujeito é uma construção nem um pouco humanitária, mas é violenta. A construção do sujeito se dá pelas formas de atuação do poder, seja de maneira mascarada ou não. E o objetivo não se resume à

teoria, ou necessidade teórica de superar o sujeito, mas a práxis da coerção e das lutas de resistência, são lutas contra o sujeitamento.

No texto *O Sujeito e o Poder*, Foucault diz que seu trabalho se desenvolveu em três modos de “objetivação do sujeito”:

1)- “O modo de investigação do sujeito que busca atingir o estatuto de ciência”, estudo que Foucault desenvolve, principalmente, em *As palavras e as Coisas* onde a formação de três “ciências” sobre o Homem será percorrida: a análise do sujeito produtivo, o “que trabalha”, na análise das riquezas, por exemplo, nos pensadores do mercantilismo (século XVI) que se transforma em economia política, e na teoria e prática marxista: aqui o indivíduo se torna sujeito pois é representado como possuidor de “necessidades básicas” para o qual suprimi-las é sua função dentro de um sistema de individuação: ser sujeito, seja pela divisão do trabalho ou pelo seu auto-conhecimento como base do sistema de produção;

O estudo das línguas da “gramaire generale” à filologia e lingüística, que significa: “as palavras representam o pensamento” no sentido que o pensamento sobre o mundo é representação (*As palavras e as Coisas*, p. 107) e passa, historicamente, a significar a forma da razão se expressar, se exteriorizar.... Ou seja, a ciência do “falar” significa relações subjetivas e intersubjetivas ;

E o estudo da vida, se transformando em biologia e, posteriormente, em etnologia e psicanálise, isto sendo, a formação dos limites do Homem. Interessante que para Foucault, a formação destas três ciências , fundamentais da idéia ‘Homem’, não só possuem a mesma estratégia, mas se completam nos seus ‘progressos’ ou revoluções. A estratégia, o fim, é o mesmo, pois o que se busca é a construção do Humano para cada época, e para o porvir através de diversos, diferentes mecanismos ‘científicos’.

Assim como, por diferentes formas de saber, se busca construir um sujeito, formas de saber que surgem de vários pontos , isto é, de diversas áreas que em-si não são soberanas no sentido de, sozinhas, determinarem a realidade, a construção da realidade . As diversas formas de saberes ou práticas não tem a clareza da sua relação com o Todo, isto é, o objetivo histórico de uma época, da sua época, mas , talvez exatamente por isso, seguem o mesmo percurso estratégico: a formação do sujeito.

Foucault analisa o poder não mais do foco da soberania, e por isso as formas de saber são somente uma das formas de “objetivar o sujeito”;

2)-A segunda forma de “objetivação do sujeito” está no que Foucault chama de “práticas divisoras”: “o sujeito é dividido no seu interior e em relação aos outros. Este processo o objetiva “( *O Sujeito e o Poder*,p231). Trabalho realizado por Foucault em diversos textos, como *Vigiar e Punir, História da Loucura, Os Anormais...*A formação de estruturas binárias como “o louco e o são, o doente e o sadio, os criminosos e os ‘bons meninos’ “(*O Sujeito e o Poder*,p231) .Aqui surgem as análises das relações de poder, que acontecem não pelo discurso mas na prática. As instituições, as formas jurídicas, são analisadas não mais pelo que está explícito na violência da psiquiatria, ou da polícia, por exemplo, mas o “poder quase invisível” no chamado “quadriculamento do poder”,onde este se exerce de maneira quase sutil, onde a arquitetura pode exercer maior sujeição do que a violência explícita. As “práticas divisoras” estão em relação aos saberes “científicos” pois, ao mesmo tempo em que essas práticas se baseiam nos “efeitos de verdade” de seus fundamentos teóricos, os fundamentos teóricos são retirados, para Foucault, dos próprios modos de resistência à opressão, na “produção de discursos” dos sujeitados;

3)-A terceira forma de análise, é como “os homens aprenderam a se reconhecerem como sujeitos”, desenvolvida, diz Foucault, na *História da sexualidade*, por exemplo. A “produção de discursos” a partir do século XVII significa que uma prática de inquérito se tornou absolutamente banal, isto é, obrigatoriamente praticada por todos, seja nos manuais de confissão das igrejas, seja pela psicanálise, mas que por trás da banalidade, a prática do inquérito se torna a base da construção de novas relações de poder, ou seja, por trás do estímulo e análise dos discursos sobre sexualidade, higiene, doenças, práticas cotidianas, começa a ser construída a disciplina social. A sociedade se torna uma grande instituição, onde o sujeito é aquele que responde ou não à disciplina que mantém a sociedade controlável. O sujeito vai se formando por reconhecimento de sua posição social, ou desvalorização, à medida que obedece ou não à disciplina. *A História da Sexualidade* ,que diz sobre a forma como “os sujeitos se reconhecem”, mas em relação à disciplina já constituída na antiguidade, na idade do império cristão, ou na modernidade e contemporaneidade.

Essas três formas de análise da “objetivação do sujeito” parecem se completar, pois uma necessita ou recorre à outra. Mas é fundamental que, diz o próprio Foucault, seu pensamento não busca ser totalizante, mas atuante em pontos

específicos e, talvez, estratégicos, que se encadeiam pela mesma estratégia: da formação do sujeito pelo sujeitamento, à tornar os corpos “dóceis” e disciplinarizados, normativizados.

Sobre estas três formas, ou melhor, a partir destes métodos de análise das relações de poder, Foucault constrói seu método e surge uma nova forma de práxis, isto é, uma nova forma de luta. É necessário, antes de ampliar o método nas análises das instituições, saberes, e formas de auto-conhecimento, desenvolver a questão do Poder. Neste primeiro rascunho pretendo desenvolver uma primeira análise da questão do Poder e o Sujeito, no texto homônimo, mas fazendo algumas referências iniciais aos textos mais específicos.

\*\*                    \*\*                    \*\*                    \*\*                    \*\*                    \*\*                    \*\*

O método de Foucault se opõe à dialética marxista, e considero necessário não deixar isso passar em branco, já que a escolha ou desenvolvimento de um método não acontece por acaso. Além disso, pretendo buscar esclarecer o que é a “nova economia do poder” e as “relações mais estreitas entre teoria e prática”, que são conceitos, aparentemente, em oposição ao marxismo.

No texto *Os Intelectuais e o Poder (conversa entre Michael Foucault e Gilles Deleuze)* em *Microfísica do Poder*, Foucault não ignora absolutamente a luta do proletariado, pelo contrário, diz ele:

“As mulheres, os prisioneiros, os soldados, os doentes nos hospitais, os homossexuais iniciaram uma luta específica de controle que se exerce sobre eles. Estas lutas fazem parte atualmente do movimento revolucionário, com a condição de que sejam radicais, sem compromisso nem reformismo...E, na medida em que devem combater todos os controles e coerções que reproduzem o mesmo poder em todos os lugares, esses movimentos estão ligados ao movimento revolucionário do proletariado”( *Microfísica do Poder,P.78*).

E Deleuze responde:

“...toda defesa ou ataque revolucionário parciais se unem, deste modo, à luta operária”( *Microfísica do Poder,P.78*).

Mas a defesa da luta do proletariado não significa uma defesa do marxismo. Foucault rejeita a posição do intelectual como possuidor de uma verdade que deve se tornar “consciência do proletariado”. Foucault rejeita, primeiramente, a idéia de uma teoria que possua a ‘verdade’ e que deva ser levada a prática, ou da prática “como sendo ela própria criadora com relação a uma futura teoria. De qualquer modo se concebiam suas relações como um processo de totalização...”( *Microfísica do Poder*, p.68). A crítica de Foucault e Deleuze ao marxismo não passa por uma rejeição à teoria do *Capital*, por exemplo, pois a consideram para a compreensão do processo de exploração, mas a teoria, ou o uso que se fez dela, se tornou inócua para a compreensão da questão do poder.

“Atualmente se sabe, mais ou menos quem explora, para onde vai o lucro, por que mãos ele passa e onde ele se reinveste, mas o poder... foi preciso esperar o século XIX para saber o que era exploração; as talvez não se saiba o que é o poder”( *Microfísica do Poder*, 75)

Neste sentido, Foucault diz ser necessário pensar uma “nova economia do poder”. Esta “nova economia” parece se contrapor à teoria que parte da economia para justificar o poder, o marxismo, e por isso, talvez, seja necessário analisar as relações de poder dentro do próprio marxismo, através dos métodos da “nova economia”.

Por que o Marxismo seria uma forma de objetivação do sujeito? Através da “consciência de classe”, como diz Foucault, que seria revelada ao proletariado por algum intelectual, o sujeito “se reconheceria” como parte “dividida” do grande processo totalizador do capitalismo. Seria a própria ordenação econômica que o *Capital* explicita, isto é, o sujeito dividido dos outros e de si pela determinação de que o Homem é sujeito produtivo, ou sujeito de necessidades básicas em que estaria preso e que sua finalidade seria suprimir tais necessidades, que seriam uma prática divisora, através da alienação. O próprio marxismo não escapa de afirmar que o Homem é um sujeito econômico, mas a crítica de Foucault ao marxismo se foca em dois pontos: primeiro, seria necessário o intelectual como possuidor da “verdade sobre as classes”. (*Microfísica do Poder*, 75) .Portanto, esta primeira questão é uma questão sobre a “verdade” e sua relação com o poder. E, segundo ponto, uma teoria que não trata das lutas particulares, mas considera uma única luta

como verdadeira, a luta de classes, seria uma teoria que teria a conseqüência, ou a função, de ignorar as diferentes relações de poder entre os indivíduos que, talvez, dentro da mesma luta, funcionem como instrumentos de coerção, como acontece com o intelectual marxista.

Surge, portanto, uma questão fundamental: a relação da “verdade” com a “nova economia do poder”. Para Foucault, como o poder é algo “entre o invisível e o visível”, para analisá-lo poderia se utilizar “as formas de resistência contra as diferentes formas de poder, como ponto de partida.”( *O Sujeito e o Poder*,234) Diz Foucault que,

“para compreender o que são as relações de poder, talvez devêssemos investigar as formas de resistência e as tentativas de dissociar estas relações”. ... “Por exemplo, para descobrir o que significa , na nossa sociedade, a sanidade, talvez devêssemos investigar o que ocorre no campo da insanidade...”( *O Sujeito e o Poder*,234).

Interessante frisar que não é só nas formas de resistências às formas, também institucionais de poder, que Foucault irá analisar o “que é”, ou “como se dá” o poder, mas de maneira muito importante, as “formas de dissociar essas relações”. Foucault não analisa primeiramente o que se dá nas relações “pacíficas” das sociedade, mas , muitas vezes, e até para chegar a essa “pacificação”, Foucault inicia seu trabalho através das instituições do Estado, como por exemplo, as prisões, os manicômios, as instituições de ensino ou religiosas, os hospitais, etc. Mas como desenvolve Foucault, no livro *Em Defesa da Sociedade*, ele não pretende, ou melhor, está em oposição à análise do poder que se iniciaria do “foco da soberania”, e isso porque as relações de poder não aconteceriam à partir de um foco, mas sim de uma “multiplicidade”, múltiplos pontos de exercício do poder.

Portanto, é imprescindível analisar as instituições, suas práticas que a tornam possuidora da “verdade”, e mais precisamente os mecanismos de desarticulação, de “dissociar” as formas de resistência, o que está intrinsecamente relacionado ao “efeito de verdade” que os discursos institucionais ou sociais utilizam para se “defender” das resistências”. Foucault levanta uma questão fundamental, síntese do que será desenvolvida no livro *Em Defesa da Sociedade*:

“...o poder tem a incumbência de defender a sociedade, deve-se ou não entender que a sociedade em suas estruturas políticas é organizada de maneira que alguns possam se defender contra os outros, ou defender sua dominação contra a revolta dos outros, ou simplesmente ainda, defender sua vitória e perenizá-la na sujeição?”(*Em Defesa da Sociedade*, p. 26)

Fica claro que para Foucault, pelo que desenvolve em *O Sujeito e o Poder*, que as formas de sujeição são formas de desarticular as formas de resistência, e, portanto, a sociedade se utiliza destes mecanismos para defender “alguns que dominam” dos que resistem, ou possuem este ideal, estratégia...

Quando Foucault, diz que “a política é a guerra desenvolvida por outros meios”, invertendo não só o aforismo, mas as relações de tática e estratégia, presentes na ciência de guerra de Clausewitz, a questão da estratégia toma uma nova figuração. Diz Foucault, que as formas de resistência são, de certa forma, “lutas anárquicas”( *O Sujeito e o Poder*,234). Isto porque são lutas “imediatas”, o que quer dizer que não “objetivam o ‘inimigo mor’, mas o inimigo imediato” (ibid). Neste ponto, as lutas anárquicas possuem quatro características.

1) “São lutas transversais; isto é , não são limitadas á um país”( *O Sujeito e o Poder*,234).

2)Os objetivos, ou estratégias da resistência, são atuar sobre os efeitos do poder, e não o foco.

3)São lutas imediatas, que não possuem um *telos* como encontrar soluções definitivas: “liberações, revoluções, fim da luta de classes”( *O Sujeito e o Poder*,234).

As formas de resistência se opõem ao *telos* da revolução marxista, mas ainda são formas de revolução: ” Estas lutas fazem parte atualmente do movimento revolucionário, com a condição de que sejam radicais, sem compromisso nem reformismo”(*Microfísica do Poder*, p. 75).

4) “São lutas que questionam o estatuto do indivíduo...”.Por um, lado atacam tudo aquilo que separa o indivíduo, que quebra a relação com os outros, fragmenta a vida comunitária...”(*O Sujeito e o Poder*, 235).

Se for possível estabelecer uma relação mais estreita entre Foucault e a teoria anarquista, esta diz, a partir de Kropotkin, que “os fins estão nos meios”, isto é, que a luta libertária acontece nos efeitos do poder, e não na tentativa de derrubar os “aparelhos” ou o próprio Estado. A luta anarquista acontece, da mesma maneira que propõe Foucault, pelos ou nos poros do poder. Por exemplo, a luta contra a “propriedade privada”, levantada por Proudhon, esta não busca na propriedade o foco do poder ou da ideologia burguesa, como no marxismo, mas a propriedade como efeito de uma política( Estatal e liberal) que a partir das suas justificações de verdade( direito natural,etc) impedem, ou melhor, imobilizam as práticas de resistência dos que estão fora do sistema racional do capitalismo, como os presos, “os que não tem pão”, os excluídos de maneira geral, e que separa os indivíduos, os impedem de estabelecer relações comunais. A defesa da propriedade privada é considerada pelos anarquistas “maneira que alguns possam se defender contra os outros, ou defender sua dominação contra a revolta dos outro, ou simplesmente ainda, defender sua vitória e pereniza-la na sujeição”(*Em defesa da Sociedade*). A luta chamada libertaria, é uma luta contra “qualquer forma de sujeição”, diz Bakunin. E essas lutas atuam na destruição dos efeitos de verdade que impedem a insurgência dos resistentes. Outro ponto de relação entre a teoria e prática anarquista com a “luta anarquista” de Foucault, é exatamente o ponto que Foucault chama de “lutas imediatas”, e que em Bakunin se chama de “ação direta”, que significa, não recorrer ao Estado nem como forma de solução nem como “foco” que precisaria ser destruído, mas sim os seus efeitos, ou como diz Foucault: “O objetivo destas lutas são os efeitos de poder enquanto tal”(*O Sujeito e o Poder*).

Uma questão que surge, é o que “dissocia”, desarticula as formas ou estratégias da resistência aos efeitos do poder. No texto *A verdade e as Formas Jurídicas*, o autor faz uma inversão na relação do sujeito e a verdade, conhecimento: “gostaria de mostrar como se pôde formar, no sec. XIX, um certo saber do homem, da individualidade, do indivíduo normal ou anormal...saber este que, na verdade, nasceu das práticas sociais do controle e da vigilância”(p. 8). Não é mais o sujeito, que originário, produz as práticas para a manutenção da sociedade, mas o poder

que busca “defender a sociedade” de qualquer atitude contra o estatuto do sujeito, que cria práticas, mecanismos de sujeição, de individualização. A verdade do conhecimento, ou do saber produzido, surge das práticas sociais que “objetivam o sujeito”, e não mais, a verdade como alcançada pelo sujeito. Foucault diz no texto *Verdade e Poder*, em *Microfísica do Poder*, que “por verdade, entender um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados. A verdade está circularmente ligada a sistemas de poder, que produzem e apóiam, a efeitos de poder que ela induz e que reproduz. ‘Regime’ de verdade”. Esse regime não é simplesmente ideológico ou superestrutural; foi uma condição de formação e desenvolvimento do capitalismo.”(p.14). A “verdade” é antes uma prática, no sentido de um conjunto de procedimentos, que “induzem e reproduzem” os efeitos de poder.

Cabe agora analisar as práticas de formação do sujeito através dos saberes que estabeleceram as normas do que é verdade. Como não encontro a citação agora, que penso estar em *A vontade de Saber*, cito de memória, pois Foucault diz que para analisar os mecanismos de poder seria de extrema importância “uma história da verdade”. Retomando o início do parágrafo, diria, não que as práticas formam o efeito de verdade, pois como mostra Foucault em *As Palavras e as Coisas* em relação aos textos sobre os “mecanismos de poder”( *História da sexualidade, Vigiar e Punir, etc*), o desenvolvimento dos saberes repercute ou acontece simultaneamente com o desenvolvimento das práticas, não de repressão, mas de formação de sujeitos. Seria interessante, e até de grande interesse, desenvolver como a “verdade” de Kant ou de Nietzsche se relacionam com as práticas da normalidade, ou das formas jurídicas, não mais pensando a filosofia como origem dos saberes e desenvolvimento da história. Neste ponto, também seria necessário pensar não mais por focos de soberania, não mais a filosofia como pólo transcendental do saber sobre e no mundo. Foucault diz que a “filosofia é a política da verdade”( *Securite, territoire, polulation*), e se a política é “a guerra continuada por outros meios” a filosofia seria uma forma de guerra, de dominação ou resistência, mas que está numa relação ao mesmo tempo direta mas também que se resguarda, das práticas de dominação e da desarticulação, dissociação das formas de resistência, exatamente por lidar com o mecanismo mais invisível do poder, que é a “verdade”. Foucault diz, por exemplo que “a filosofia utilitarista é um instrumento teórico de uma nova forma de governar a população” ( *Securite, territoire, polulation, p.76*), o que fica

mais claro quando a construção arquitetônica do 'Panoptico', de Bentham, se mostra como, não só produto, mas objetivo para a sociedade.

Tentarei agora analisar, tanto o lado mais prático: o lado do objetivo arquitetônico, com seu fundamento, ou efeito de verdade. Como foi pensado antes, não é a teoria utilitarista, ou qualquer outra, que determinará a formação da relação com o mundo, ou melhor, com a instituição que é a sociedade. Os aspectos ou características do controle total, estão presentes já no séc. XVII, quando Foucault no capítulo "o Panoptismo" (*Vigiar e Punir, cap III*), dá a entender as cidades, onde nascia a burguesia, já passava pelo "quadriculamento do poder": "em primeiro lugar, um policiamento especial estrito: fechamento, claro, da cidade e da 'terra', proibição de sair sob pena de morte, fim de todos os animais errantes; divisão da cidade em quarteirões diversos onde se estabelece o poder de um intendente. Cada rua é colocada sob a autoridade de um síndico; ele a vigia; se a deixar será punido de morte... A inspeção funciona constantemente. O olhar está alerta em toda parte... corpos de guarda nas portas, na prefeitura e em todos os bairros para tornar mais pronta a obediência do povo, e mais absoluta a autoridade dos magistrados..." (*Vigiar e Punir, p. 162*). Foucault não deixa de indicar que o surgimento das "instituições totais", e nessa categoria se encontra a "sociedade" como a instituição que abarca e dá sentido às estratégias locais... o surgimento da burguesia, ou da sua influência nascente até o capitalismo, como a reorganização, ou melhor, ordenação do poder de forma disciplinar. "Diz-se que no início do séc. XVII ainda vigorava uma certa franqueza. As práticas [da sexualidade] não procuravam o segredo... Um rápido crepúsculo se teria seguido à luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade é, então cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca... Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade..." (*A Vontade de Saber, p 9.*) Importante notar que Foucault diz que é a ordem burguesa que "detém a verdade", que "faz reinar a norma".